

MARIAS DE MINAS E CRUZEIRO: DINÂMICAS DE ENFRENTAMENTO ÀS LGBTQIAP+FOBIAS NO FUTEBOL A PARTIR DO *INSTAGRAM*

MARIAS FROM MINAS AND CRUZEIRO: DYNAMICS OF TACKLING LGBTQIAP+PHOBIAS IN FOOTBALL THROUGH INSTAGRAM

Philippe Oliveira Abouid ¹
Ives Teixeira Souza ²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir as dinâmicas de enfrentamento das LGBTQIAP+fobias no futebol a partir das publicações no Instagram do perfil Marias de Minas, um coletivo de torcedores LGBTQIAP+ do Cruzeiro Esporte Clube, e o perfil oficial do próprio clube. O objetivo é entender como essas publicações indicam ações realizadas nesse ambiente digital e além dele. Como recorte temporal, são observadas as publicações compartilhadas entre junho de 2022 e junho de 2023, sendo junho o mês do Orgulho LGBTQIAP+. Considera-se o histórico de outras torcidas LGBTQIAP+ no Brasil, como a extinta Coligay, do Grêmio, e sua presença nos estádios; bem como a relação com aquelas que atualmente se articulam por meio das plataformas de mídias sociais, em especial o Instagram.

Palavras-chave

Instagram; LGBTQIAP+fobias; futebol; masculinidades; torcedores.

Abstract

This paper aims to discuss the dynamics of tackling LGBTQIAP+phobias in soccer based on the Instagram posts of Marias de Minas, a collective of LGBTQIAP+ fans of Cruzeiro Esporte Clube. The aim is to understand how these actions are established in this environment and beyond. As a time frame, the publications shared between June 2022 and June 2023 will be observed, June being LGBTQIAP+ Pride month. Consideration will be given to the history of other LGBTQIAP+ fans in Brazil, such as the now-defunct Coligay, from Grêmio, and their presence in stadiums; as well as the relationship with those that are currently articulated through social media platforms, especially Instagram. LGBTQIAP+ from Cruzeiro Esporte Clube.

Keywords

Instagram; LGBTQIAP+phobias; soccer; masculinities; fans.

1 Doutorando e mestre em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pholabouid@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7326-386X>, <http://lattes.cnpq.br/2764906422180502>. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

2 Doutorando, mestre e bacharel em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ives@ufmg.br, <https://orcid.org/0000-0002-4516-3159>, <http://lattes.cnpq.br/2726979652076662>. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil).

Introdução

O Cruzeiro teve um ano histórico em 2022 não apenas porque a equipe deu os primeiros sinais de sobrevivência depois de permanecer três anos na série B do Campeonato Brasileiro de futebol masculino, chegando à conquista da competição; ou porque foi o primeiro ano de administração de Ronaldo Nazário (1976-) à frente da Sociedade Anônima de Futebol (SAF) que comprou os direitos relacionados ao futebol do Cruzeiro Esporte Clube³; mas também porque foi o ano em que, pela primeira vez na história do clube, houve uma iniciativa institucional contra as LGBTQIAP+fobias que reconhecia um coletivo LGBTQIAP+⁴ como parte integrante de sua torcida.

Naquele ano, em conjunto com o coletivo⁵ Marias de Minas⁶, o Cruzeiro compartilhou em seu perfil oficial um vídeo produzido pelo grupo, que trata da relação de torcedores LGBTQIAP+ com o clube. Durante o mês de celebração do orgulho LGBTQIAP+, o Cruzeiro incorporou a bandeira arco-íris na braçadeira do capitão em diversas partidas do campeonato, bem como nas bandeiras de escanteio dispostas nas laterais do campo. Estas iniciativas integravam um esforço mais amplo de combate à LGBTQIAP+fobia no futebol. Foram implementadas como parte de um acordo entre o clube e o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), em resposta a sua penalização por cânticos LGBTQIAP+fóbicos entoados por torcedores no estádio (BRAGA, 2022)⁷.

Ao olhar para essas ações do Cruzeiro e Marias de Minas, propõe-se analisar como se estabelece a relação do clube com o coletivo, percebida a partir de seus perfis no *Instagram*. Para isso, selecionou-se um *corpus* da pesquisa com publicações realizadas pelos perfis oficiais do Cruzeiro e Marias de Minas, entre junho de 2022 e 2023, sendo junho o mês do Orgulho LGBTQIAP+. Neste mês, empresas e instituições têm se engajado em ações contra as LGBTQIAP+fobias, capturadas por uma lógica do capital que enxerga nesse público um nicho de mercado. Desse modo, a pauta da diversidade sexual passa a ser incorporada pelas organizações, campanhas comerciais e estratégias de marketing.

A SAF do Cruzeiro Esporte Clube tinha como objetivo a recuperação financeira do clube, que enfrentava um passivo de mais de um bilhão de reais, e, conseqüentemente, o seu desempenho em campo. Com o time na segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol masculino, o objetivo era o acesso, que foi conquistado em novembro do mesmo ano.

3 A Sociedade Anônima de Futebol (SAF), estabelecida pela Lei 14.193/2021 no Brasil, é um modelo empresarial designado especificamente para clubes de futebol. A intenção deste modelo é promover a transição de clubes de futebol de entidades civis sem fins lucrativos para estruturas empresariais. O objetivo subjacente é aprimorar a gestão financeira dos clubes e aumentar sua atratividade para potenciais investidores.

4 A sigla LGBTQIAP+ é mobilizada para se referir a diferentes categorias políticas e identitárias, as quais individualizam e coletivizam as lutas por reconhecimento, direitos e cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, e outras expressões de gênero e sexualidade, simbolizadas pelo mais (+).

5 Considera-se importante diferenciar o coletivo de torcedores das torcidas organizadas (TEIXEIRA; MEDEIROS; REIS; LOPES, 2021). Coletivo de torcedores é um conceito amplamente discutido no contexto do comportamento dos torcedores, do papel social do futebol e das dinâmicas grupais. Esses coletivos podem se manifestar de várias formas, incluindo o ativismo contemporâneo contrário à homofobia e à misoginia no futebol brasileiro (PINTO, 2017), como é o caso do Marias de Minas e outros coletivos semelhantes que se articulam pelas plataformas de mídias sociais.

6 Disponível em: <<https://www.instagram.com/mariasmdeimg/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

7 Enfatiza-se que o escopo deste estudo abrange as relações pertinentes ao futebol masculino. Embora existam paralelos nas dinâmicas e relações presentes no futebol feminino, incluindo aquelas associadas ao Cruzeiro-SAF, há distinções substanciais, particularmente no contexto das LGBTQIAP+fobias. Essas diferenças justificam uma análise distinta e independente.

Busca-se entender como se desdobram essas ações em seus perfis no *Instagram*, como se relacionam, interagem, e comunicam o público acerca dessas e de outras atividades relacionadas à temática LGBTQIAP+ nessa ambiência. Procura-se perceber se essas ações ocorreram ao longo do ano, se foram ações permanentes e/ou localizadas no contexto dos calendários oficiais. Assim, torna-se possível relacionar quais, quando/em que contexto e como foram as postagens conjuntas entre o coletivo e a SAF, além de outras interações entre eles.

Observam-se que ações contra as LGBTQIAP+fobias têm sido realizadas cada vez mais por clubes de futebol como parte de estratégias organizacionais e campanhas de marketing. Em relação às ações realizadas pelo Cruzeiro em 2022, elas também envolvem o (re)posicionamento da marca Cruzeiro-SAF⁸, que incorporou a temática da diversidade na comunicação junto aos públicos da nova gestão. Não obstante, não se queria correr o risco de ser multado ou estar associado a atitudes criminosas e situações de preconceito. Desde que a LGBTQIAP+fobia foi equiparada ao crime de racismo pela corte do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019, clubes brasileiros têm sido responsabilizados diante dessas situações nos estádios, podendo resultar em multa, perda de pontos, entre outras punições pelos órgãos e entidades reguladoras.

Este trabalho reconhece a existência de diversas torcidas LGBTQIAP+, inclusive numa dimensão histórica. Em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), cidade sede do Cruzeiro, é possível mencionar a *Galo Queer*⁹, a Fora da Toca¹⁰; entre outros coletivos de torcedores que enfocam gênero, como é o caso da Grupa Galo¹¹, o Unidas pelo CEC¹² (Cruzeiro) (VIMIEIRO et. al, 2020). Ou seja, o grupo Marias de Minas se constitui e se insere em uma rede e um histórico de outros coletivos LGBTQIAP+. Muitos desses estão presentes no *Instagram* e em outras plataformas digitais, como o Fora da Toca, Vozão Pride¹³, Flagay¹⁴, LGBTricolor¹⁵, além da Canarinhos LGBT¹⁶, esse último com o objetivo de reunir o conjunto de torcidas organizadas LGBTQIAP+ de todo o Brasil é coordenado por Yuri Senna, presidente e fundador da Marias de Minas.

Por fim, pretende-se observar, a partir do perfil no Instagram da Marias de Minas, se há ações em conjunto com outros coletivos similares que se articulam nas mídias sociais. Pergunta-se em que medida é possível refletir sobre essas ações e coletivos LGBTQIAP+ em tensão com aqueles que, em outros momentos, inscrevem suas lutas e formas de resistências materializadas na presença e nas performances nos estádios, como é o caso da emblemática Coligay.

8 Santos (2022) questiona sobre o modo de torcer para uma SAF. Em um histórico em que os clubes associativos pouco permitem a participação de seus torcedores, "qual seria, efetivamente, a diferença entre torcer por um clube fechado e inacessível, ou torcer por um clube empresariado com um proprietário, mesmo que esse fosse totalmente alheio à história do clube?" (SANTOS, 2022, p. 340).

9 A Galo Queer foi criada em abril de 2013 e é uma das primeiras páginas do Facebook com a proposta de enfrentamento às LGBTQIAP+fobias no futebol. A última publicação no perfil foi em 2022, sem mais registros de atuação pública desde então.

10 Coletivo de torcedores LGBTQIAP+ do América Mineiro com atuação no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/foradatocaafc/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

11 No Instagram o grupo se declara como "atleticanas contra o machismo, racismo, homofobia e todo tipo de preconceito e discriminação no futebol!". Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupagalos/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

12 Disponível em: <<https://www.instagram.com/unidaspelocec/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

13 Disponível em: <<https://www.instagram.com/vozaopride/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

14 Disponível em: <<https://www.instagram.com/fla.gay/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

15 Disponível em: <<https://www.instagram.com/lgbtricolor/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

16 Disponível em: <<https://www.instagram.com/lgbtricolor/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Futebol, masculinidades e LGBTQIAP+fobias

No futebol, as masculinidades estão em disputa, assim como os clubes e os torcedores. O estádio de futebol institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). A força de um garante a vitória e o domínio sobre o outro. O “guerreiro dos gramados”¹⁷, o ataque do “gladiador”¹⁸ ou a saudação viking¹⁹, apontam para esse ideal viril e medieval. Nos gramados ou nos campos de batalha, a busca pelo domínio parece depender dos elementos constituidores da masculinidade: força, habilidade, inteligência, sobriedade, hombridade, virilidade, entre outras características que conformam ideais hegemônicos do que é ser masculino; e no futebol, do que é ser guerreiro, gladiador, arqueiro, matador e artilheiro.

Por outro lado, nessa estrutura generificada ao qual o futebol se insere e retroalimenta, a fragilidade é vista como própria do feminino. Em campo significa a derrota e deve ser evitada. A fragilidade dos outros, dos oponentes, garante a hegemonia do vencedor, bem como o seu protagonismo e supremacia perante os demais. Assim também se engendram as relações sociais e de poder que estruturam o patriarcado e o falocentrismo nas sociedades ocidentais.

O funcionamento da sociedade normativa se empenhou de estar ligado com o ideal masculino e institucionalizá-lo dentro do Estado moderno (MOSSE, 2000). Assim, o atletismo e o esporte se tornam espaços importantes para a educação da masculinidade, no sentido de prepará-los para alcançar moralidade, treinar um corpo masculino em forma, a experiência de um jogo limpo. Segundo Mosse (2000), o esporte assume nesse contexto um papel de formação moral. Preocupava-se em promover nos homens uma conduta adequada nos campos de jogos, bem como virtudes do jogo limpo, cavalheirismo, autoconfiança, perseverança, entre outros valores. No entanto, o caráter afeminado se constituía como o principal inimigo da masculinidade.

A LGBTQIAP+fobia no futebol é baseada em uma estrutura cisheteronormativa. De acordo com Borrillo (2015), as identidades sexuais são construídas em uma lógica binária de antagonismos, como homem/mulher e heterossexual/homossexual. Nesse contexto, ser homem implica em não ser mulher. A LGBTQIAP+fobia funciona como um mecanismo de controle das fronteiras de gênero, criando e mantendo hierarquias sexuais. Assim como o racismo e a xenofobia, baseia-se em uma lógica que desumaniza o outro, tornando-o fundamentalmente diferente. Portanto, a masculinidade é construída em oposição ao feminino e, desse modo, também ao indivíduo homossexual, que é visto como um traidor da normatividade sexual e de gênero.

Não obstante, a rivalidade entre os torcedores manifestada pela linguagem é capaz de revelar as dinâmicas LGBTQIAP+fóbicas que lhe estruturam: frangas, gaylo, marias, bambis, gaivotas, entre outros adjetivos pejorativos, tem o intuito de humilhar o

17 Slogan usado por torcedores do Cruzeiro Esporte Clube para se referir ao clube.

18 Kléber Gladiador é um jogador considerado ídolo do Cruzeiro que jogou no clube entre 2009 e 2010. Ele ganhou a simpatia da torcida cruzeirense após imitar uma galinha na comemoração de um dos gols realizados contra o Atlético-MG, conhecido pelo mascote Galo, na final do campeonato estadual de 2009. Disponível em: <<https://portalcruzeirense.com.br/idolo-do-cruzeiro-provoca-o-atletico-mg-e-leva-torcida-a-loucura/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

19 A saudação viking é uma comemoração realizada pela torcida do Cruzeiro junto com os atletas no final de cada jogo. Foi inspirada na celebração de torcedores da Islândia durante a Copa do Mundo realizada na Rússia, em 2018.

opponente tirando-lhe o que seria a sua maior força: a heterossexualidade masculina, e, assim, o poder e a potência garantidos pela estrutura falocêntrica que mantém o *status quo*.

Os cânticos LGBTQIAP+fóbicos estão presentes há décadas no torcer do futebol. Eles operam como dispositivos discursivos das masculinidades (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021) e, historicamente, atuam como espaços de reivindicação das masculinidades hegemônicas. O jornalista João Antonio (1937-1996), em reportagem publicada na revista Realidade em 1968, mostra como esses cânticos já estavam presentes no futebol mineiro desde o final dos anos 1960 (ANTONIO, 1968). Um dos insultos mais utilizados contra a torcida do Cruzeiro era a provocação com o grito de "refrigerado", uma associação direta a certa performance masculina que devia ser realizada em um estádio (os torcedores do Cruzeiro eram acusados de ficarem na sombra das arquibancadas do Estádio Mineirão).

Esse comportamento não é mais rentável financeiramente nas praças esportivas para os clubes e as federações esportivas. A Confederação Brasileira de Futebol, por exemplo, foi multada algumas vezes pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) pelo comportamento LGBTQIAP+fóbico da torcida brasileira em partidas da seleção. A primeira se refere a um jogo contra a Colômbia durante as eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, em Manaus. Naquele ano, no contexto das eleições presidenciais, as torcidas de futebol foram grandes protagonistas de episódios de violência LGBTQIAP+fóbica, muito influenciadas pelo cenário de polarização político-eleitoral e ascensão da extrema-direita no Brasil. Diversas torcidas passaram a entoar no estádio o grito "Bolsonaro vai matar viado", reverberando discursos de ódio que deram o tom do debate eleitoral (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021) e que revelam a face violenta e excludente do futebol.

Os insultos relacionados à LGBTQIAP+fobia têm uma dimensão comunicativa que revela hierarquias sociais e relações de poder. Segundo Eribon (2008), quem profere a injúria faz isso para lembrar quem detém o poder, indicando que existe um domínio sobre a pessoa injuriada, começando pelo poder de defini-la. A injúria com conotações LGBTQIAP+fóbicas está cheia de representações e coloca as dissidências sexuais e de gênero em uma posição inferior na ordem social. Ela destaca processos de sujeição que são tanto coletivos quanto individuais. De acordo com o autor, esses atos de linguagem têm o objetivo de produzir efeitos, de estabelecer ou perpetuar a norma que separa os chamados "normais" daqueles que serão "estigmatizados", moldando assim a relação entre as pessoas e o mundo.

A masculinidade esportiva implica uma série de exigências dos atores envolvidos (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). Nos estádios e além deles, a LGBTQIAP+fobia revela estruturas hierárquicas de poder dessas masculinidades em disputa que constituem as relações sociais. A LGBTQIAP+fobia também dita as dinâmicas do futebol no Brasil, sendo capaz de influenciar a tomada de decisão de jogadores, torcedores e instituições devido às suas conotações pejorativas. Por exemplo, na decisão de não usar a camisa de número 24 nas competições esportivas de futebol; ou de ocultar a não-heterosse-

xualidade dos jogadores para evitar, ou diminuir situações de preconceito, hostilidade e a própria permanência no emprego²⁰.

Em 2023, o Cruzeiro-SAF esteve envolvido em outra polêmica com conotações LGBTQIAP+fóbicas. O fato decorreu da última tentativa de atualização do mascote do clube, o Raposão. Desde a sua criação em 2003, o mascote passou por várias modificações sem a participação direta dos torcedores. No entanto, desta vez, as alterações propostas geraram fortes protestos. Muitos acreditavam que as mudanças realizadas "feminilizavam" o mascote, eliminando características tradicionalmente associadas à masculinidade, como a expressão de raiva.

O futebol, um espaço marcado por conflitos, construções e disputas de masculinidades, é também um palco onde ressoam atitudes racistas, xenofóbicas, sexistas e LGBTQIAP+fóbicas. Situações de violência, hostilidade, exclusão e preconceito são frequentemente manifestadas e até mesmo normalizadas. Este ambiente pode ser particularmente excludente e hostil para a população LGBTQIAP+. Além disso, as LGBTQIAP+fobias atuam como instrumentos de controle, fiscalização e correção dos desvios da normatividade sexual e de gênero (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021). Elas também se tornam, em suas dimensões discursiva e performática, elementos definidores dessas masculinidades em disputa, como será apresentado a seguir.

Marias de Minas e outras torcidas LGBTQIAP+

A Marias de Minas é uma agremiação de torcedores LGBTQIAP+ do Cruzeiro Esporte Clube, a primeira que reivindica esse pertencimento desde a fundação do clube em 1921. Esse coletivo estabelece a sua comunicação com seus públicos por meio de um perfil homônimo no *Instagram* e no *Twitter*²¹. Há um grupo no *WhatsApp* onde os participantes se acolhem, conversam e se organizam para frequentar os estádios. A formação do coletivo ocorreu em maio de 2019 e desde então utiliza-se desse perfil para promover as ações e atividades do grupo. (LEÃO, 2021). As plataformas de mídias sociais, como o *WhatsApp*, o *Twitter* e o *Instagram*, têm um papel importante não só para a comunicação, apoio e mobilização entre os torcedores LGBTQIAP+, mas também para a publicização de suas ações, atividades coletivas e institucionais. Atualmente são cerca de 100 torcedores que participam do coletivo²².

O nome Maria de Minas aponta para diversas camadas que podem tensionar a relação do futebol com as masculinidades e as LGBTQIAP+fobias. "Maria" aparece na linguagem de torcedores adversários como um termo pejorativo com o objetivo de desqualificar o oponente, tirando-lhe a potência da masculinidade e atribuindo-lhe características socialmente identificadas como do feminino, tais como a fraqueza e a

20 No futebol masculino e profissional brasileiro, a heterossexualidade é uma exigência para o atleta. Exemplo disso está na invisibilidade/apagamento de jogadores homossexuais nos principais clubes do país, bem como no seu rechaço. Exemplo disso está na trajetória do jogador Richarlison, que jogou pelo Atlético-MG e seleção brasileira, marcada pelas inúmeras situações de violência homofóbica. A homofobia foi o principal motivo pelo qual o jogador nunca declarou a sua bissexualidade quando atuava profissionalmente. Richarlison foi o primeiro atleta que passou pelo futebol profissional masculino da série A e seleção no Brasil a declarar publicamente a sua não-heterossexualidade. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/06/24/pelo-direito-de-ser-quem-e.ghtml/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

21 Disponível em: <<https://www.twitter.com/MariasMinas>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

22 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ct9Zx7gOvAX/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

fragilidade. Por outro lado, força, habilidade, virilidade etc., que seriam características do masculino, são reivindicadas para si e para os seus, demonstrando sua supremacia. Além de sexista, também é uma operação fortemente LGBTQIAP+fóbica. Quando “Maria” é colocada em alguma expressão, quase sempre ela vem acompanhada de termos que levam a nuances sexuais e/ou fáticas²³. Embora esse fenômeno não seja restrito às torcidas de Minas Gerais, essas expressões que feminilizam o outro são frequentemente usadas por torcedores mineiros. É comum encontrar ofensas de torcedores que se baseiam em uma lógica sexista e LGBTQIAP+fóbica.

Não obstante, Maria carrega a potência do feminino: para os cristãos é a mãe do filho de Deus, e também é o nome da mãe de milhares de torcedores do Brasil²⁴. É nessa tensão que o termo “Maria”, apropriado por um coletivo de torcedores LGBTQIAP+, convida o torcedor a refletir sobre questões que são provocadoras e que causam incômodo por suas nuances LGBTQIAP+fóbicas, e por revelar relações de poder que atravessam questões de gênero e sexualidade em nossa sociedade. O uso do termo “Minas” também pode ter seus significados ampliados quando se entende que é originado tanto de “Minas Gerais” quanto do plural de “mina”, uma retração de “menina” vastamente usada na linguagem coloquial. “Mina” reforça a ideia de feminilidade, em um contraponto ao desejado no meio futebolístico.

O nome do grupo assume essa proposta de ressignificar um termo frequentemente usado para ofender e desqualificar os torcedores do Cruzeiro a partir de nuances LGBTQIAP+fóbicas. Essa ressignificação de termos é uma estratégia usada por grupos marginalizados para neutralizar um discurso opressor. Isso ocorre, por exemplo, com os termos “viado” e “bicha”, incorporados na linguagem coloquial em espaços de convivência e socialização LGBTQIAP+

A Marias de Minas obteve maior visibilidade a partir do ano de 2022, quando o Cruzeiro-SAF compartilhou um vídeo produzido pelo coletivo em seu canal oficial no *Instagram*. A publicação do vídeo em seu perfil ocorreu como desdobramento do acordo com o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) diante da punição por cânticos LGBTQIAP+fóbicos entoados pela torcida nos estádios.

Em Minas Gerais, a Marias de Minas é a agremiação de torcedores LGBTQIAP+ mais bem consolidada entre as três maiores equipes de futebol: América Mineiro, Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. Atualmente, o Atlético-MG não tem torcida LGBTQIAP+ em atividade nas redes sociais. A “Galo Queer”, que atuava no *Facebook*, não está em atividades desde 2022. A Fora da Toca, que representa os torcedores LGBTQIAP+ do América Mineiro, teve a sua primeira publicação no *Instagram* em junho de 2022. Nessa publicação, convidava-se o torcedor LGBTQIAP+ americano para fazer parte da construção do coletivo. De lá até a data da coleta foram 51 publicações realizadas por esse perfil, com média de 19 curtidas por publicação²⁵. A última publicação da página ocorreu em 5 de abril de 2023.

23 Remetendo-se ao sexo oral, as frases “Chupa, Maria” ou “Chupa, Frangas”, usadas por torcedores mineiros, possuem conotações claramente sexistas e LGBTQIAP+fóbicas e possuem a função de indicar o domínio de um sobre o outro.

24 Segundo dados do Censo 2010, “Maria” é o nome mais comum no Brasil, com 11.734.129 batismos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/06/censo-qual-o-nome-mais-registrado-no-brasil-e-possivel-consultar-no-ibge-saiba-como.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2023.

25 Dados coletados manualmente em 13 out. 2023 a partir da soma de todas as curtidas dividida pelo número de publicações.

O perfil da Marias de Minas no Instagram atua como espaço segmentado para a divulgação das atividades do coletivo, além de ações institucionais de enfrentamento das LGBTQIAP+fobias no futebol por meio da circulação de publicações em datas específicas e do eventual engajamento de seus seguidores. Esse modo de atuação política e de reivindicação do espaço esportivo se difere bastante das ocupações subversivas que marcaram os primeiros coletivos de torcedores LGBTQIAP+ nos estádios pelo Brasil.

Ainda no contexto da ditadura militar brasileira, em 1977, surgiu no futebol brasileiro a primeira torcida organizada LGBTQIAP+ do país, a Coligay, uma torcida do Grêmio FootBall Porto Alegrense. O grupo fornecia um espaço de acolhimento e sociabilidade de LGBTQIAP+ em meio a um estádio de futebol e uma forma de torcer que performava masculinidades “associada, sobretudo, à virilidade e agressividade, traços também enfatizados na cultura gaúcha” (ANJOS, 2018, p. 21).

O nome Coligay fazia referência a boate gay da capital gaúcha chamada Coliseu. Essa torcida LGBTQIAP+ surge diante de um contexto de mudanças conjunturais no país, como o direito ao divórcio e a criação de novo estado federativo. O grupo formado por cerca de 60 pessoas apareceu pela primeira vez no estádio em uma partida contra o Santa Cruz-RS. A Coligay frequentava os jogos nos estádios e seus integrantes apresentavam performances corporais e estéticas no sentido de contestar a normatividade masculina até os anos iniciais da década de 1980. Essas aparições motivaram episódios de LGBTQIAP+fobia: foram alvejados por pedras no estádio, ocorreram várias tentativas de agressão e intimidação de outros torcedores, inclusive de gremistas que não queriam se identificar e/ou ser associados àquelas figuras feminilizadas (ANJOS, 2018).

A Coligay “compactuou com códigos do futebol, se dispendo ao confronto físico e verbal, empunhando bandeiras e apoiando intensamente a sua equipe. Por outro lado, impôs seus requebros, suas vestimentas espalhafatosas, seu linguajar debochado e provocativo” (ANJOS, 2018, p.22). A torcida existia em um contexto de distensão social, o que permitiu, conforme apontado por Pires (2017), que nenhum de seus membros fosse preso por expressar abertamente sua orientação sexual. Um episódio marcante foi quando o presidente da República na época, o ditador João Baptista Figueiredo (1918-1999), torcedor do Grêmio, foi assistir a uma partida no estádio Olímpico. Um integrante da Coligay chamou “João Baptista” imitando a personagem famosa do humorista Chico Anysio (1931-2012).

Ressalta-se, porém, que as discussões públicas sobre a temática de orientação sexual no esporte eram limitadas. Segundo Lelis (2023), na Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), a discussão foi dispersa. Alguns deputados destacaram a ausência de movimentos sociais convidados, incluindo grupos LGBTQIAP+, enquanto outros viam a questão como uma ameaça à família. Assim, sentimentos de ódio, medo e repulsa permearam o tratamento da questão durante a elaboração da atual Constituição Federal (LELIS, 2023).

Inspirado pela Coligay, o carnavalesco Clóvis Bornay (1916-2015) reuniu em 1989 alguns torcedores homossexuais do Flamengo, time que tinha Zico (1953-) como joga-

dor, para criar a FlaGay. O ano era 1979 e o jogo de estreia da torcida seria no Estádio Maracanã contra o rival Fluminense, no famoso Fla-Flu. O presidente do Flamengo, Márcio Braga (1936-), conforme apresenta Pinto (2019), recorreu à LGBTQIAP+fobia ao justificar seus atos para impedir a entrada da FlaGay no estádio, posição marcada por outros dirigentes do clube. A derrota do Flamengo por 3 a 0 nesse jogo foi atribuída à presença de torcedores LGBTQIAP+ nas arquibancadas, conforme evidenciado pela manchete "Márcio: Foi praga da FlaGay" no *Jornal dos Sports* (PINTO, 2019). Houve duas tentativas fracassadas de reorganizar a FlaGay, uma em 1997 e outra em 2013, principalmente devido à resistência da diretoria do Flamengo (PINTO, 2019).

Os torcedores LGBTQIAP+ que desejam acompanhar de perto o seu time enfrentam obstáculos causados pela falta de apoio institucional e pelo ambiente hostil do estádio. Esse é, provavelmente, um dos principais fatores que fazem com que os torcedores LGBTQIAP+ se distanciem dos estádios e se articulem pelas redes sociais. A *Galo Queer* foi a primeira torcida LGBTQIAP+ do Atlético Mineiro e também a primeira do futebol mineiro. Criada em 2013 por Nathalia Duarte, cientista social e torcedora de Minas Gerais, a página no *Facebook* desse coletivo alcançou mais de 10 mil seguidores, mas nunca se aventuraram a ir aos estádios por medo de represálias²⁶. As frequentes ameaças nas páginas da torcida fizeram com que ela mudasse sua visão sobre o futebol: Quando o futebol for um espaço mais amigável para todos e todas, todas as minorias, eu vou me reconciliar com ele" (PINTO, 2017, p. 95). Embora o coletivo Marias de Minas esteja presente nos jogos e crie uma rede de apoio, que pode dar alguma proteção aos que vão ao estádio juntos, sua atuação política se dá principalmente no Instagram e em atividades fora do campo, tendo em vista a hostilidade e os riscos que as arquibancadas trazem ao torcedor LGBTQIAP+.

Marias de Minas no *Instagram*

Esta pesquisa de natureza qualitativa utiliza como *corpus* as postagens feitas nos perfis oficiais do Cruzeiro e "Marias de Minas" no *Instagram* entre junho de 2022 e 2023. O recorte proposto visa analisar as publicações durante o período de um ano e no contexto da nova gestão do clube. No perfil oficial do Cruzeiro, foram observadas as publicações que abordavam o combate às LGBTQIAP+fobias e o respeito à diversidade sexual e de gênero. Na página do coletivo LGBTQIAP+, procurou-se examinar o conjunto das publicações feitas naquele ano para entender como o grupo se organiza e atua para o enfrentamento das LGBTQIAP+fobias na plataforma, no futebol e no Cruzeiro.

O perfil da Marias de Minas no *Instagram* se assemelha aos perfis institucionais/ organizacionais nas mídias sociais. As publicações são voltadas para as ações de divulgação da "Maria de Minas", que tem logotipo, oferece *wallpapers* para os usuários personalizarem seus aparelhos, entre outras ações de fortalecimento como instituição. No perfil do *Instagram*, há um cuidado com o design das publicações, com o uso de cores, há consistência e harmonia entre elas, além de aproveitarem recursos próprios

²⁶ Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/654055/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

da plataforma, como o mosaico formado pelas imagens na página principal em uma lógica múltipla de 3.

Na “biografia” do perfil, a Marias de Minas se posiciona “pela democratização das arquibancadas”, sinalizando que a sua luta se inscreve nessa reivindicação do espaço do futebol para torcedores LGBTQIAP+. Nesse sentido, há fortes referências simbólicas a esse nicho com o qual dialoga. Elas estão presentes no logotipo, no uso do *emoji* do arco-íris na bio²⁷, ou da linguagem não-binária em diferentes publicações.

O perfil na plataforma não chega a 4 mil seguidores e até o momento da análise²⁸, somava 26 publicações realizadas desde janeiro de 2022. A partir desse recorte, observa-se que o perfil limita as suas publicações segundo o calendário de lutas do movimento LGBTQIAP+, como em janeiro, durante o mês visibilidade transexual; e/ou nas datas capturadas pela lógica mercadológica, como em maio, no contexto do dia do Internacional de Luta contra a LGBTQIAP+fobia — quando o grupo organizou com o estádio do Mineirão o “1º Seminário de Combate à LGBTQIAP+fobia no futebol mineiro”; e durante o mês de junho, quando se celebra o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAP+. Essa temática foi a última abordada no perfil da Marias de Minas até o momento da coleta.

Nota-se, portanto, que o perfil do coletivo “Marias de Minas” no *Instagram* tem uma dinâmica de postagens localizada nos calendários oficiais, muito próximo do que é feito pelo marketing organizacional nas diversas corporações empresariais. O perfil na plataforma propõe um debate sobre as LGBTQIAP+fobias no futebol, limitando-se a postagens “comemorativas” com o intuito de dar visibilidade para a existência do grupo, sua presença em determinados espaços, a história pessoal de seus membros e em relação ao coletivo, e a sua atuação extracampo, como em painéis temáticos.

A propósito do Seminário, durante o período de análise há (proporcionalmente) diversas publicações sobre esse evento²⁹, como trechos de vídeos³⁰, fotos³¹, alguns textos e reverberações sobre os palestrantes que participaram dos painéis³². Segundo as publicações, o evento reuniu representantes de clubes³³, da arbitragem³⁴, imprensa³⁵, administradora de estádios³⁶, instituições do futebol, autoridades e personalidades³⁷.

Considera-se importante reconhecer os desafios para a realização de um seminário sobre LGBTQIAP+fobias envolvendo atores importantes do futebol masculino

27 O uso do emoji de arco-íris é uma referência direta à bandeira do Orgulho LGBTQIAP+.

28 Coleta e análise da materialidade realizada em 10 de agosto de 2023.

29 São 07 publicações num total de 26 disponibilizadas no feeds em seu perfil no Instagram durante o período de análise.

30 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CsWyC5jg5p6/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

31 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cto1-jiuKUa/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

32 No conjunto das 07 publicações sobre o I Seminário LGBTQIAP+ no Mineirão, 04 postagens são de fotos, 01 de vídeo e 01 republicação do perfil do Instagram da Canarinhos LGBT reverberando o I Seminário LGBTQIAP+ no Mineirão.

33 LÊNIN FRANCO, Diretor de negócios do Cruzeiro; e KIN SAITO, Diretora do Futebol Feminino do Cruzeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ctm_R1mu0fc/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

34 Igor Benevenuto "compartilhou como foi ser o primeiro árbitro a se assumir gay como lidou com a homofobia antes e depois. Comenta também como a CBF se comporta, orientações dadas aos árbitros para combater casos de preconceito, punições aos times e sua visão do que pode melhorar." Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CtpYiUXOKN3/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

35 Rayllan Oliveira e Débora Elisa, do jornal O Tempo e Guilherme Piu, da Rádio Itatiaia. Os profissionais participaram de um painel que debateu o papel da imprensa como ferramenta de combate às LGBTQIAP+fobias. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cto1-jiuKUa/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

36 Bahbi Faria, coordenadora de comunicação do Mineirão, que no seminário abordou "como é ser lésbica trabalhando no Mineirão, o que o estádio faz para combater os casos [de LGBTQIAP+fobias], quais são as melhores práticas para receber o público LGBT e tornar o estádio um local seguro." Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CtpYiUXOKN3/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

37 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CsUGTYFJfS0/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

brasileiro, principalmente organizado por um coletivo de torcedores LGBTQIAP+. Não se deve ignorar o histórico de violências, apagamentos e invisibilidades nesses espaços e, por isso, qualquer iniciativa deve ser celebrada, o que não impede a vigilância sobre o modo como elas atuam. A partir das questões que tangenciam o Seminário, busca-se evidenciar as limitações políticas e sociais dessas ações do Cruzeiro e do coletivo LGBTQIAP+. A sua condição de possibilidade se dá no contexto das boas práticas do mercado e das estratégias do marketing que trabalham com o potencial de lucro até mesmo na apropriação das lutas políticas e identitárias. Não que esse seja o propósito do grupo de torcedores LGBTQIAP+, mas certamente parece ser o foco do Minas Arena, que administra o Mineirão, e do Cruzeiro-SAF.

É preciso reconhecer que a grandeza histórica do Mineirão enquanto palco importante do futebol brasileiro não é suficiente para amplificar o debate para além dos painéis temáticos e das mesas de negócios que ocorrem nos confortáveis auditórios dos lucrativos estádios recentemente privatizados (ELIZIO; SALGADO, 2022), às margens dos campos e das arquibancadas. Nesse sentido, não é aleatório que a presença dos dirigentes de clubes no I Seminário LGBTQIAP+ seja, na verdade, a presença do diretor de Negócios do Cruzeiro-SAF, porque é nesse lugar, na mesa de negócios, que o debate da LGBTQIAP+fobia no futebol geralmente se inicia e se encerra.

Para o mês do Orgulho LGBTQIAP+ em 2022, o coletivo Marias de Minas produziu um vídeo que abordava a experiência de torcedores LGBTQIAP+ do Cruzeiro. Sua trama apresenta a relação de torcedores LGBTQIAP+ com o clube, alguns relatos sobre a LGBTQIAP+fobia e como isso afeta a sua vivência e experiência como torcedor. As publicações no mês do orgulho LGBTQIAP+ de 2023 também ocorrem por meio de relatos de torcedores, mas usando o carretel de imagens.

O compartilhamento desse vídeo no perfil oficial do Cruzeiro-SAF no Instagram se tornou a primeira ação do clube que reconhece publicamente uma torcida organizada LGBTQIAP+ em suas campanhas institucionais. O vídeo foi publicado no contexto do acordo entre o Cruzeiro-SAF e o STJD. Na ocasião, o Cruzeiro estava em seu terceiro ano na série B. A perda de 6 pontos previstos como punição para esse caso poderia prejudicar o retorno do clube para a série A. Em campo, a equipe liderava a tabela e os torcedores voltavam finalmente a acreditar na recuperação do time. Esse cenário positivo compôs o pano de fundo dessa campanha contra a LGBTQIAP+fobia, que culminou no compartilhamento do vídeo em seu perfil no *Instagram* em conjunto com a Marias de Minas.

Em relação às publicações em junho de 2023, o perfil Marias de Minas também apostou nos depoimentos de torcedores do coletivo, indicando a importância desse espaço para os torcedores LGBTQIAP+. Os depoimentos versam sobre um sentimento de mais segurança ao frequentar os estádios com membros do coletivo; troca de experiências e afetos entre os membros, principalmente por meio do grupo que mantém no *WhatsApp*.

Durante o período analisado, o perfil oficial do Cruzeiro fez 14 postagens com algum tipo de referência à temática LGBTQIAP+. Essas publicações se limitam ao con-

texto do mês do orgulho LGBTQIAP+, em junho, e do dia internacional de enfrentamento às LGBTQIAP+fobias, em 17 de maio. Duas dessas publicações ocorreram em 2023, uma em cada data anteriormente citada.

Quatro publicações referenciaram o mês do Orgulho LGBTQIAP+ com recursos visuais em 2022, mas o foco era anunciar a data, os jogadores e/ou o placar da partida. Um carrossel com 10 imagens foi publicado, destacando fotos de torcedores LGBTQIAP+³⁸. Além disso, compartilhou-se uma foto do capitão do time, Eduardo Brock, usando a braçadeira LGBTQIAP+ e carregando a sua filha³⁹. Duas outras publicações foram feitas para divulgar as ações do mês do Orgulho em campo. A primeira anunciava que o capitão do time Sub-20 também usaria a braçadeira LGBTQIAP+⁴⁰. A publicação indica que há ações de enfrentamento às LGBTQIAP+fobias voltadas para a base. A segunda apresentava uma imagem do estádio Mineirão iluminado com as cores do arco-íris⁴¹. Brock⁴² e o artilheiro do campeonato, Edu⁴³, gravaram um vídeo de aproximadamente de 15 segundos, em que mobilizam o slogan da campanha “ou lutamos contra, ou somos parte do problema”, para conscientizar o torcedor do seu papel para o enfrentamento desse problema.

Depoimentos de torcedores que se identificam como LGBTQIAP+ e relatam experiências de violência e hostilidade, marcadas pela persistência das LGBTQIAP+fobias no contexto do futebol, aparecem em diferentes publicações. A manifestação de discursos de ódio é também aparece nos comentários postados por torcedores que se opõem a essas campanhas de conscientização.

Os depoimentos indicam uma preocupação entre os torcedores LGBTQIAP+ em frequentar estádios de futebol, atribuída a múltiplos incidentes de LGBTQIAP+fobias nesses espaços. Esses incidentes englobam tanto a violência verbal, caracterizada por discursos, insultos e injúrias provenientes das arquibancadas, quanto a violência física⁴⁴. Esses fatores contribuem para a percepção dos estádios de futebol como ambientes adversos, não apenas para indivíduos LGBTQIAP+, mas também para mulheres, negros, pessoas com deficiência e outros grupos que têm sido historicamente marginalizados nos espaços esportivos⁴⁵. Esse cenário de violência e hostilidade contrasta com a ideia do futebol como um esporte que pode aproximar as pessoas.

Ao mesmo tempo em que se observa o desejo do grupo de transformar o futebol em um espaço democrático e inclusivo, há uma dimensão utópica nessas lutas, exemplificada pelo depoimento de Cris Gomes, que aspira ver as cores do arco-íris integradas ao azul e branco das arquibancadas. Embora as ações comerciais realizadas

38 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfWvHlcoezB/>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

39 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cl4tWF8pvT7/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

40 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfXX4luLkIN/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

41 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfXlgJTMVFA/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

42 Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CfWoQfNI5kT/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

43 Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CfXAWcwlllu/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

44 No depoimento de Bebs, ela relata um trauma de usar o banheiro feminino e ter sofrido violência LGBTQIAP+fóbica. Ela afirma que quando ia ao estádio, não usava os banheiros. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CuAfd8N0suw/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

45 São inúmeros os casos de racismo nos estádios de futebol, não só no Brasil, como em todo o mundo. O jogador Vinny Jr., vem sofrendo reiterados ataques racista e xenofóbicos no continente europeu com reverberações no mundo todo, principalmente no Brasil. Jogadores e torcedores brasileiros vivenciam constantemente ataques racistas, o que demonstra como o espaço do torcer ainda reflete as estruturas coloniais, raciais e de gênero que marcam a relação sociais e culturais no Ocidente.

durante o mês do Orgulho possam alimentar essa esperança, elas por si só não produzem resultados tangíveis no combate às LGBTQIAP+fobias no futebol.

A persistência dos ataques racistas e LGBTQIAP+fóbicos nos estádios sugere que as medidas legais para criminalizar o racismo e a LGBTQIAP+fobia não foram suficientes para erradicar o preconceito nas arenas esportivas. Uma mudança efetiva na democratização do futebol exige mais do que ações isoladas e publicitárias dos clubes e outras entidades, ou apenas o trabalho de grupos de torcedores LGBTQIAP+. É necessário que as entidades, os clubes, os estádios, os torcedores e outras iniciativas além do marketing empresarial, se comprometam com a luta contra a LGBTQIAP+fobia dentro e fora de campo.

Considerações finais

Por fim, afirma-se que as relações conjuntas entre o coletivo Marias de Minas e o Cruzeiro-SAF no *Instagram* foram realizadas em um momento em que o clube era pressionado por legislações e regras externas, para realizar ações de enfrentamento às LGBTQIAP+fobias nos estádios, entre elas o acordo com o STJD. Ou seja, essas ações ocorreram menos pelas demandas de torcedores LGBTQIAP+, e mais pela proximidade com o discurso de diversidade LGBTQIAP+ com nuances mercadológicas e consequências legais. Atualmente, a sensibilidade a essa pauta tem se tornado um valor de mercado desejado por empresas de todos os setores, inclusive no futebol. Este é um ambiente que, historicamente, tem sido marcado pela naturalização de práticas de violência, exclusão e desumanização de indivíduos LGBTQIAP+. No entanto, no cenário atual de punições por crimes raciais e LGBTQIAP+fóbicos em locais esportivos, enfrentar esse problema tornou-se uma urgência, especialmente para aqueles que não querem correr o risco de ser penalizado com multas e/ou perda de receita.

Acredita-se que o contexto de uma nova gestão, os resultados favoráveis em campo e a possibilidade de perder seis pontos na competição pelas punições do STJD — que colocaria em risco as chances do Cruzeiro de finalmente subir para a série A do Campeonato Brasileiro — contribuíram para que essas ações de enfrentamento da LGBTQIAP+fobia dentro e fora de campo fossem menos rechaçadas pela torcida. Assim, as ações do Cruzeiro podem estar ligadas não a um engajamento social e político, ou apenas à perspectiva organizacional, mas principalmente ao mercado do futebol, sobretudo devido à possibilidade de punição desportiva.

As publicações no *Instagram* estão temporalmente marcadas pelas efemérides relacionadas à temática nos meses de maio e junho. Ou seja, as ações em parceria com a Maria de Minas foram limitadas ao contexto do calendário de lutas do movimento LGBTQIAP+, maio e junho de 2022, já incorporado pelo marketing empresarial, e circunscrita àquele cenário de reestruturação do clube e de reposicionamento da nova SAF no mercado. Embora esta pesquisa não tenha se concentrado nos comentários publicados pelos usuários, durante o período de análise não foram observadas interações entre a Maria de Minas e outras torcidas LGBTQIAP+ para articular pautas, lutas,

engajamento em ações comuns, nem mesmo para provocações que caracterizam o espírito de competitividade forjado no futebol masculino.

Entende-se que as torcidas LGBTQIAP+ se articulam nas plataformas em função do ambiente hostil nos estádios, o que não significa que elas não possam estar, discretamente, nesse meio. Esses grupos se organizam, inclusive, em busca de proteção para frequentar as arenas esportivas. Por outro lado, a Coligay se fazia presente entre os torcedores e, por meio de suas performances queers, inscrevia uma forma de resistência à LGBTQIAP+fobia nos estádios. Ocupava e reivindicava esses lugares, não sem ameaças e provocações. No entanto, isso não acontece da mesma forma nos dias de hoje. É possível afirmar que essa organização das torcidas LGBTQIAP+, especificamente a Maria de Minas, mediada pelas plataformas, é adotada como medida de proteção à integridade física dos torcedores. Isso foi indicado por seu fundador, Yuri Senna, que chegou a receber ameaças de morte por suas ações à frente desse coletivo⁴⁶.

Em resposta a esses temores, a Lei Geral do Esporte (BRASIL, 2023) foi sancionada em 2023. Entre seus artigos, a lei estabelece punições para as torcidas organizadas que praticarem racismo, xenofobia, homofobia e transfobia nos estádios. As regras dos campeonatos também estabelecem multas e perda de pontos para os clubes diante desses episódios. No entanto, sabe-se que a legislação é insuficiente para tais ações, visto que o comportamento não está limitado ao grupo identificado como torcedores organizados e nem ocorre apenas nas praças esportivas. A LGBTQIAP+fobia é estrutural na sociedade, e também no futebol. Criar um espaço seguro para a presença e permanência desses torcedores nos estádios, além do Instagram e de outras plataformas digitais, deve ser um desafio a ser enfrentado sobretudo pelos clubes esportivos, não apenas por esses grupos de torcedores historicamente vulnerabilizados.

Referências

ANJOS, L. A. **De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”**: uma história da torcida coligay. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia, Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/184514>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ANTÔNIO, J. **É uma revolução**. Realidade. São Paulo: Ed. Abril, nº 32, nov. 1968.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, . Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRAGA, P. **Marias de Minas, do Cruzeiro, é o primeiro coletivo LGBTQIA+ a lançar site sobre a causa no Estado**. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/editorias/cruzeiro/2022/06/28/orgulho-marias-de-minas-e-o-primeiro->

⁴⁶ Disponível em: <<https://esportes.r7.com/lance/torcida-lgbtq-do-cruzeiro-as-marias-de-minas-criam-propostas-solidas-para-combate-a-homofobia-30012020>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

-coletivo-lgbtqia-a-lancar-site-sobre-a-causa-e-minas-gerais, Acesso em: 14 jul. 2023. BRASIL. **Lei Geral do Esporte**. Lei nº14.597, de 14 de junho de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/Lei/L14597.htm#:~:text=L14597&text=Institui%20a%20Lei%20Geral%20do%20Esporte.&text=Art.%201%C2%BA%20%C3%89%20institu%C3%ADa%20a,Cultura%20de%20Paz%20no%20Esporte. Acesso em: 14 jul. 2023.

ELIZIO, Tharcio; SALGADO, Nayara Amorim. "Quem manda no Mineirão?": um estudo sobre a gestão do espaço urbano a partir da transformação do Mineirão de Estádio em Arena. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.14, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202220>

INSTAGRAM. **Marias de Minas**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/marias-demg/>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LEÃO, S. Marias de Minas: Primeira torcida LGBT do Cruzeiro luta por inclusão no futebol. **BHAZ**, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://bhaz.com.br/noticias/esportes/marias-minas-torcida-lgbt/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

LELIS, R. C. **A Orientação Sexual na Constituinte de 1987-88**: constituição performativa de sujeitos LGBTI+ na Constituição da nação brasileira. 1. ed. Salvador: Devires, 294p, 2023.

MENDONÇA, C. M. C.; MENDONÇA, F. V. K. M. "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **GALÁXIA** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 46, p. 1-18, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/46768>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

MOSSE, G. L. **La imagen del hombre**. Madrid: Taiasa Editorial, 2000.

PINTO, M. R. A "praga" da FlaGay e o "desbunde" guei no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 1, p. 102-122, 2019. DOI: 10.31560/2595-3206.2018.4.9192

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-12032018-205408/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

PIRES, B.. **"Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito"**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SANTOS, I. S. **O clube no século XXI e o fator "supporter"**: estudos sobre o poder, negócio e comunidade no futebol-espetáculo. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/18471>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

TEIXEIRA, R. da C. ; MEDEIROS, J.; REIS, H. H. B. dos; LOPES, F. T. P. I Censo Anatorg: análise do perfil de lideranças de torcidas organizadas. **FuLiA/UFMG** , Belo Horizonte/ MG, Brasil, v. 6, n. 1, p. 110–136, 2021. DOI: 10.35699/2526-4494.2021.33177. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/33177>. Acesso em: 10 abr. 2024.

VIMIEIRO, A. C. Miatização e futebol: dinâmicas digitais do torcer no Brasil. In: **Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores: um panorama nos dias atuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2023.

VIMIEIRO, A. C.; QUEIROZ, A. ; SILVA, A. Q. ; MALDINI, G. ; QUINTELA, G. P. ; ALVES, L. E. C. ; MARTINS, M. C. . É mais que preconceito! Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, virtual. **Anais do Intercom**, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/68792>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

Recebido em: 06 dez. 2023
Aprovado em: 23 fev. 2024